

DA receita-modelo para UMA receita com ar familiar: hedonismo estético e utilitarismo poético na abordagem semiótica do social

From THE paragon recipe to A recipe with family resemblances: aesthetic hedonism and poetic utilitarianism in the semiotic approach to the social

ÓSCAR QUEZADA MACCHIAVELLO^a

Universidade de Lima, Instituto de Pesquisa Científica, Grupo de Pesquisa Semiótica. Lima, Peru

EDUARDO YALÁN DONGO^b

Universidade de Lima, Instituto de Pesquisa Científica, Grupo de Pesquisa Semiótica. Lima, Peru

ELDER CUEVAS-CALDERÓN^c

Universidade de Lima, Instituto de Pesquisa Científica, Grupo de Pesquisa Semiótica. Lima, Peru

RESUMO

Este artigo aborda as tensões entre o caráter estético e utilitário das representações culinárias, comparando o paradigma da receita da alta gastronomia com receitas populares divulgadas em plataformas digitais e programas como *20 lucas*. Para tanto, foi observado como a linguagem molda objetos de valor nesses diferentes contextos. Por meio de uma análise semiótica estrutural baseada nas contribuições de Algirdas Julien Greimas, Émile Benveniste e nas reflexões contemporâneas de Baptiste Morizot, foram analisadas narrativas culinárias a partir de suas dimensões linguísticas, sociais e econômicas. Este estudo revela que as receitas clássicas, como sopa de pistou, priorizam o hedonismo estético e a estabilidade cultural, enquanto as receitas populares contemporâneas, como aquelas difundidas em *20 lucas*, adotam uma abordagem de utilitarismo poético. Essas últimas não apenas se adaptam às restrições econômicas, mas também enfatizam processos criativos e de participação, refletindo a dinâmica social atual. O artigo complementa a semiótica de Greimas ao incluir condições econômicas e da mídia contemporânea, destacando que os objetos de valor não são entidades estáticas, mas processos dinâmicos que emergem de negociações entre

^a Ex-reitor e membro do Grupo de Investigación Semiótica na Universidad de Lima. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7419-1749>. E-mail: oquezada@ulima.edu.pe

^b Docente de Semiótica na Universidad de Lima e na Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC), no Peru. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0143-4973>. E-mail: eyalan@ulima.edu.pe

^c Docente de Semiótica e pesquisador. Coordenador do Grupo de Investigación Semiótica do Instituto de Investigación Científica (IDIC) da Universidad de Lima. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6655-5688>. E-mail: ecuevas@ulima.edu.pe

cultura, prática e sociedade. Isso redefine a semiótica da culinária ao considerar tanto os valores ideais quanto as interações materiais das práticas contemporâneas.

Palavras-chave: Gastronomia, Semiótica, cultura popular, valores sociais, cultura alimentar.

ABSTRACT

This article examines the tensions between aesthetic and utilitarian dimensions in culinary representations by comparing the paragon recipe of haute cuisine with popular recipes disseminated through digital platforms and programs such as “20 Lucas.” It investigates how language constructs objects of value in these contrasting contexts. Using a structural semiotic analysis grounded in the works of Algirdas Julien Greimas, Émile Benveniste, and the contemporary reflections of Baptiste Morizot, this study explored culinary narratives through their linguistic, social, and economic dimensions. This study reveals that classical recipes, such as pistou soup, emphasize aesthetic hedonism and cultural stability. In contrast, contemporary popular recipes, such as those featured in “20 Lucas,” have adopted poetic utilitarianism. These recipes not only adapt to economic constraints, but also highlight creative and participatory processes, reflecting current social dynamics. This article expands Greimas’ semiotics by integrating contemporary economic and media conditions, underscoring that objects of value are not static entities, but dynamic processes shaped by negotiations between cultural, practical, and social dimensions. It redefines culinary semiotics by addressing the idealized values and material interactions inherent in contemporary practices.

Keywords: Gastronomy, Semiotics, popular culture, social values, food culture.

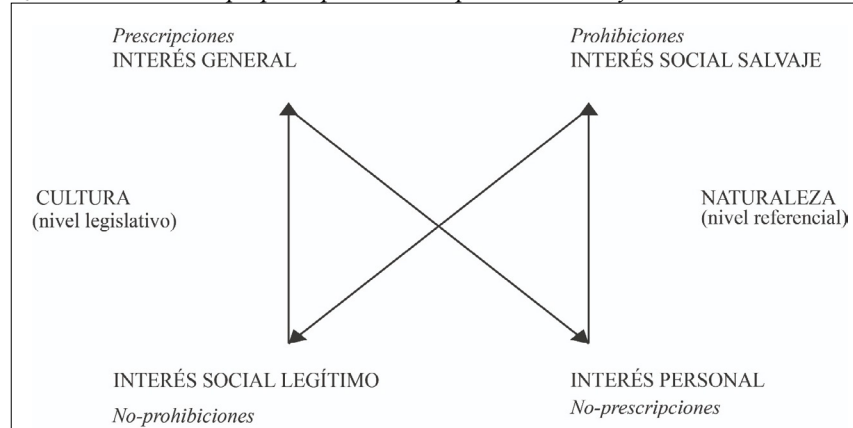
TANTO EM DU SENS (Greimas, 1970) e *Analyse sémiotique d’un discours juridique* (Greimas, 2014) como em *Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d’âme*, escrito em parceria com Jacques Fontanille (Greimas & Fontanille, 1991), existem trechos onde o professor lituano Algirdas Julien Greimas ousa formalizar a inteligibilidade do social a partir da semiótica estrutural. Em sua proposta, a linguagem é a dimensão que permite ao homem integrar-se na sua sociedade através de uma série de processos que apresenta através de várias oposições formais como ser e parecer (Greimas, 1983), proibição e prescrição (Greimas, 2014), divisão e integração (Greimas & Fontanille, 1991). Nestes trabalhos fundamentais, Greimas define a sociedade como uma dimensão que é personificada através de sucessivas predicções (uma ancoragem histórica específica) e actantes coletivos (humanos ou não humanos) cristalizados em textos de diferentes tipos (jurídicos, passionais, culturais). Assim,

espera-se que esta sociedade tenha vários papéis temáticos e que seu comportamento seja determinado por uma normatividade específica.

Para aprofundar esse assunto, precisamos rever a obra de Émile Benveniste. Em nossa perspectiva, a afinidade entre Greimas e Benveniste não só é fundamental para entender o social a partir da ótica do primeiro, mas também para o próprio compromisso epistemológico e metodológico sobre o social feito pela semiótica estrutural.

Em *Problèmes de linguistique générale*, Benveniste (1976) afirma que a relação semiótica é compreendida entre um sistema interpretante e um sistema interpretado, como o que existe entre os símbolos da língua (L) e os símbolos da sociedade (S). Assim, os sistemas de símbolos da sociedade (S) são interpretados pelos da língua, que é entendida como interpretante de toda a sociedade (L). Nesta interação, a língua é quem distribui os sistemas: de um lado, aquele que é articulado de acordo com sua própria semiótica e emerge conforme sua própria forma de expressão; do outro, aqueles que são articulados pela língua, razão pela qual sua semiótica só aparece através de outra forma de expressão. Por exemplo, o sistema do paladar se manifesta através da língua, ou o sistema pictórico de uma pintura se expressa na língua que “fala” da pintura. Isto possibilita a Benveniste sustentar, em uma pertinência semiológica, que só a língua permite a sociedade, que só ela une os seres humanos na sociedade. Aliás, Benveniste inverte esta perspectiva e explica que, em uma pertinência sociológica, o critério não é mais a interpretabilidade, mas a dimensionalidade e, nesse sentido, a língua está contida de fato na vida social. Estas ideias são fundamentais para analisar a pertinência semiótica de Greimas e seus comentários sobre o social.

Levando em consideração que toda receita é uma prescrição, é importante estudar as grandes categorias que operam na análise do discurso jurídico elaborado por Greimas. Nesta pesquisa são identificados tipos de sujeitos segundo a sua estrutura de querer social e são formalizados no eixo semântico proibição e permissão. Ou seja, a partir da sua vontade de adquirir novos bens na sociedade comercial, participa não só de uma atividade coletiva, mas também contribui com uma vontade de apropriação ou interesse pessoal. Dessa forma, o compartilhamento de interesses pessoais confere ao actante coletivo as atribuições do sujeito e faz dele a expressão de um interesse social que ainda permanece em estado selvagem (Natureza, nível de referência). O legislador reconhece e regulamenta este interesse social, e também o transforma em um interesse social legítimo através de um sistema de prescrições e proibições. Os interesses sociais legítimos são então equiparados aos interesses legítimos de terceiros, definidos por um mesmo interesse geral. O esquema de todos esses processos de conversão de significado social está expresso no quadrado semiótico a seguir:

Figura 1*Quadrado semiótico proposto por Greimas para o discurso jurídico*

Nota. Elaboração com base em Greimas (2014, p. 54).

Esta distribuição reticulada do geral, do social e do pessoal segundo o querer-fazer, ou seja, segundo os interesses dos actantes que socializam e são socializados, permite que Greimas desvende o significado do discurso normativo utilizado pelo legislador para solucionar conflitos próprios da jurisprudência, mas também, devido ao seu grau de abstração, pode ser válido para abordar as dinâmicas de instrução-construção de objetos de valor. No entanto, Greimas entende que a cultura tende a regular e identificar os interesses sociais selvagens como proibições ou negações referentes a poderes de natureza. Assim, ou não estão regulados ou estão proibidos pelos regulamentos legais. Por sua vez os interesses sociais legítimos, embora permitidos na sociedade, são limitados por proibições explícitas. A cultura, neste contexto, é entendida como uma estrutura de normas e proibições que define o que é aceitável na sociedade humana.

Podemos observar que o trabalho de Greimas se sustenta na divisão metodológica elaborada por Benveniste entre sistemas de símbolos da sociedade a ser interpretada (“estado de natureza”: S) e da língua interpretante (“estado de cultura”: L). Assim, em *Analyse sémiotique d'un discours juridique* identifica-se mais claramente a relação entre o real ou referente, como âmbito do selvagem e do pessoal, e o sistema que o interpreta, ou seja, a “linguagem jurídica” como prescrição de um interesse social geral.

Sobre esta relação, Eric Landowski escreve em *Semiótica 2* que: “... a seu modo, a semiótica geral não parou, desde o início, de lidar com o real e, *a fortiori*, com o social, concebidos como efeitos de sentido” (Greimas & Courtés, 1986, p. 250). Pouco depois de emitir esta avaliação, Landowski (1989) afirma que “a ‘vida social’ nunca foi estranha à semiótica: a seu modo, e desde o início, trata-se do “real” – considerado

como uma linguagem –, e até mesmo do que é “vivido”, considerado como efeito de sentido, com o qual a semiótica tem lidado constantemente” (p. 11). Em ambas as citações, Landowski recai sobre o real e o social, concebidos como efeitos de sentido vitais. Esta última categoria seria, então, a ponte que ligaria o real e o social tornando-os idênticos ou, pelo menos, equivalentes. Sabemos que esta expressão (efeitos de sentido), tirada de G. Guillaume, havia sido definida como “a impressão da realidade” produzida por nossos sentidos ao entrar em contato com o sentido, isto é, com uma semiótica subjacente. Pode-se dizer, por exemplo, que “o mundo do sentido comum é o efeito de sentido produzido pelo encontro do sujeito humano com o objeto-mundo” (Greimas & Courtés, 1979, p. 116). Assim, o sentido, como substantivo ou como o substancial de um mundo, se confunde com o significado. E, como verbo, remete à ação de sentir algo. Nesse último caso, o efeito de sentido seria, *ipso facto*, afeto de sentido. Na perspectiva de uma dualidade quase sagrada, esse substantivo seria efeito de um trabalho da “mente”, da “alma” ou da “inteligência”; enquanto este verbo seria um afeto na “carne”, no “corpo” ou na sensibilidade. Dizer “sentido” é deslizar (ou melhor, passar) do mundo das sensações para o mundo do entendimento e diste para aquele. Nesse vaivém, duas formas de se relacionar com o mundo coexistem: uma, *através dos sentidos, mas sem sentido*; e a outra, *com sentido, mas além dos sentidos* (Landowski, 1999).

A semiótica, de acordo com Eco, não pode deixar de refletir sobre *essa coisa* que decidimos, há séculos, chamar de *ser*. Essa *coisa* ou esse *ser* estaria na origem do sentido social-real, é a “causa” ontológica de todos os efeitos de sentido que articulam a sociedade-realidade; que, não por acaso, são chamados de “efeitos de realidade”. Para Eco (1999), a semiótica estrutural, com exceção de Hjelmslev, não abordou o problema da origem da linguagem. Por esse motivo a semiótica enfrenta tanto o *terminus ad quem* que se refere à pergunta sobre *a que nos referimos quando falamos* e com que credibilidade, quanto o *terminus ab quo*, que se refere à pergunta sobre *o que nos faz falar*. É verdade que a linguagem, como um todo, faz a mediação entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, e entre o si mesmo e o eu mesmo. Mas a semiótica, finalmente, também deve perguntar-se: como é essa relação interpretante da língua sobre o real e o social interpretados? Deve ser concebida de forma totalitária: ou como sensibilidade ou como pensamento? Não é possível unificar ambos os termos em sua interdependência?

UM (DES)ENCONTRO GASTRONÔMICO: ENTRE A RECEITA BURGUESA SOFISTICADA E A CULINÁRIA PROLETÁRIA GROSSEIRA

Neste momento somos levados a refletir sobre como a metalinguagem semiótica desenvolvida por Greimas (1983) aborda o social quando analisa,

em *Du sens II*, o preparo de *soup au pistou* (ou sopa ao molho pesto, em português). Não trataremos da análise impecável das hierarquias e paralelismos de programas narrativos, nosso objetivo é destacar as mecânicas da semiótica estrutural como metodologia para examinar como o objeto de estudo é colocado diante do social-real. Nesse sentido, para construir nosso corpus de estudo, comparemos este tipo de análise vertebrada, na receita mencionada, para o par desejo-prazer com outro tipo de análise vertebrada, no receitar em ação, para o par necessidade-satisfação. Vejamos.

Em “A sopa ao ‘Pistou’ ou a construção de um objeto de valor” (Greimas, 1983, p. 157-169) Greimas analisa um objeto da língua, ou seja, a receita de Henri Philippon no livro *La Cuisine Provençale*. O enquadramento analítico foca nos efeitos de realidade suscitados pelas formas linguísticas próprias do gênero discursivo “receita”. Destaca que a receita não é um mero imperativo, mas a busca para estabelecer um contrato entre dois sujeitos: um emissor modalizado pelo saber-fazer e um destinatário cuja habilidade será transformada, passando de não saber-fazer para saber-fazer. A receita culinária convencional, como objeto de conhecimento, tem o caráter cognitivo de um contrato estável. O destinatário é imaginado como um sujeito capaz de ler e entender a receita, isto é, de reconhecer em cada frase a proposta de subcontratos paralelos e sucessivos que devem ser aceitos e executados para a construção do objeto de valor como um todo. Greimas reconhece três programas narrativos: o PN do dom (realizado pelo emissor), um PN de troca (dentro de um estabelecimento alimentar) e um PN de produção (preparo da receita na prática). Este último envolve a construção do prato como objeto de valor cujo destino é satisfazer um desejo ou uma necessidade. No geral, é um grande programa narrativo de produção graças ao qual o objeto de saber é convertido em objeto de sabor, traçando uma trajetória dos sujeitos desde a dimensão cognitiva até a estética.

Tudo aponta para que o sujeito cognitivo *coloque em prática* suas competências *teóricas* em uma execução não discursiva em sentido estrito: um almoço em família, um jantar a dois, uma refeição para o deleite de alguém. A consideração do fazer persuasivo, na perspectiva de Greimas, relega a um papel secundário a escolha da receita e a intenção comercial do vendedor do livro de receitas. Contudo, a receita, construída neste mesmo programa de produção, pode ter o objetivo de resolver uma necessidade de fome, bem como resolver também um prazer mais contingente do destinatário. Porém, o professor enfatiza: “Como as receitas culinárias, no geral, não são escritas para as pessoas que morrem de fome, podemos reconhecer que o valor transmitido consistirá em uma sensação de sabor eufórica” (Greimas, 1983, p. 153). A pertinência é hedonista, não utilitária. Esta abstração é sintomática. Greimas

(1983) apela a uma ampla dimensão cultural gastronômica para finalmente fixá-la em uma isotopia estética consagrada pelo sujeito DA receita ideal, herdada dos grandes chefs de cozinha e preparada como um prato sofisticado “digno dos deuses”. Neste ponto, o texto da receita, hermético e limitado, é projetado além do PN de troca, ampliando-se em direção a um “código gustativo cultural implícito” (p. 153). Não acreditamos que este aviso tenha sido criado arbitrariamente; pelo contrário, o professor lê atentamente a descrição da receita feita por Henri Philippon:

Soup au Pistou é o mais belo florão da culinária provençal. É a meta vencedora que deixa as pessoas dominadas por uma gulosa admiração. É um prato digno dos deuses . . . Durante muito tempo acreditei que a soup au pistou era de origem genovesa, mas meu amigo Fernand Pouilloin me explicou que era um prato nacional iraniano! Não importa, já que o mundo inteiro a aprecia em Provença, vamos naturalizá-la provençal. (Greimas, 1983, p. 157)

A análise propõe a atualização de um valor abstrato no complexo objeto figurativo denominado “sopa ao pistou”, amostra superlativa de um famoso código cultural gustativo (a culinária francesa). O destaque ou a ênfase na posição estética coloca o objeto de valor, “já conhecido”, na dimensão econômica dos consumos e das suas sanções positivas, não na dimensão da mera produção, caso em que teria sido um destaque ou uma ênfase no poético. Como podemos ver, a análise de Greimas se limita propositadamente ao eixo da comunicação do modelo actancial. A *mise en place*, como dispositivo à mão do executor da receita, indica que a conjunção com os ingredientes *sempre* ocorreu. É um sintoma tradicional do gênero receita: a única coisa relevante é o já consagrado saber-sabor, sem nenhuma problematização do poder; os ingredientes meio que “caem do céu”. É assim que estamos estritamente diante de um contrato de comunicação. Não há nenhuma complicação pragmática que venha de um eixo de poder que afete o sujeito operador em termos de ajuda ou oposição. Nenhuma variável modal de poder é introduzida no programa narrativo do dom. Quais seriam as competências econômicas, entendidas a partir do poder-fazer dos sujeitos que participam do contrato-receita? Que dispositivo pragmático deve ser considerado, do lado “poético”, produtor, quando tanto o consumo quanto a troca, motivados pela receita, são somatizados? O social-real pode continuar sendo metodologicamente suspenso quando determina o que pode ser feito ou não?

Para responder estas perguntas, propomos um objeto de estudo complementar ao da “receita” da sopa ao pistou em que os sujeitos são abstratos, não

atores figurativos, abordados pela prática de leitura que abre o texto. Este novo caminho gastronômico oferece outro tipo de receita, um espetáculo transmitido pela televisão desta vez. Neste âmbito encontramos uma casuística enriquecida diariamente. No Peru, em um contexto de construção da nação através dos produtos culturais como a comida (Cuevas-Calderón, 2016, 2019; Cuevas-Calderón & Demuru 2019), programas de televisão se esforçaram para construir os objetos de valor atualizando não só o código gustativo cultural, mas também o código pragmático monetário em um contexto de condições de trabalho precárias mais próximas do eixo da submissão (obediência: não poder não fazer; impotência: poder fazer) do que do eixo da soberania (liberdade: poder fazer; independência: poder não fazer).

Assim, surgem os formatos televisivos como *20 lucas*, programa apresentado por Mauricio Fernandini, que foi transmitido no Peru entre os anos de 2008 e 2017. O conceito do programa consistia em que Mauricio, com apenas 20 soles (moeda peruana), que equivalia a aproximadamente 6 dólares, devia preparar três pratos populares peruanos que alimentassem quatro pessoas. Enquanto ia ao mercado, ele interagiu com personagens urbanos e descobria histórias que orbitavam na atmosfera do espaço popular. O objetivo principal era mostrar que era possível cozinhar com um orçamento limitado e criar pratos populares peruanos. Assim, os ingredientes deixavam de ser atores secundários (“sopa ao pistou”) e se tornavam protagonistas em um processo de barateamento, de redução do seu valor monetário, visando cumprir a tarefa principal do programa.

O apresentador captava a sensibilidade do espectador, fisgava-o com as façanhas de um actante emissor, apresentador, executor, fazendo-o assumir com alegria um papel de destinatário identificado com o herói, esse “guerreiro da casa” manifestado na imagem televisiva como um corpo sensível. Acentuava seus gestos e entonações eufóricas, seus sorrisos em um coro de sorrisos, a música de fundo que iconizava o devir emocional, os cenários urbanos e domésticos. Central, centrípeto, Mauricio, o apresentador, rodeado por colaboradores ou ajudantes, figurativos ou não, imaginava alguém que poderia criar a receita a partir de uma posição economicamente precária. Ia até ele e dizia: “Para você espectador, receptor, proponho um contrato”: conhecendo a ‘sua’ possibilidade limitada, apertada e proletária para preparar o prato, contagio-o com um sentimento de competência, faço-o acreditar que pode fazê-lo. Eu o induzo e o conduzo à ação, obrigo-o a cozinhar, a unir fé, força e esforço, a ‘administrá-los’ seja lá como for para comer bem, ou só comer, com seu mísero salário”. Até aqui a paráfrase.

Não estaríamos mais diante da *construção programada*, planejada de forma impecável como *dom*, do objeto de valor superlativo que desafia o *sujeito* por

autonomasia DA receita, mas diante da *invenção do objeto de valor através de sucessivos ajustes, desajustes e reajustes*, em um espetáculo que abre caminho a um “ritual” de participação, em uma circunstância que põe à *prova* possíveis ajudantes, antiajudantes, adversários e antiadversários, e que desafiam não tanto o sujeito abstrato de uma leitura narrativa, mas os *corpos sensíveis* de uma captura sensível. Assim, na tela, vemos personagens “reais” que precisam improvisar UMA receita que tenha um ar familiar com alguma forma gastronômica fornecida pela respectiva semiosfera. Poderia até ter admitido, em um caso raro, uma invenção total. Neste contexto, o termo “ar familiar” se refere tanto ao jogo de semelhanças das diversas ocorrências que um determinado tipo gastronômico pretende criar como também compreende o tema espacial cotidiano do receptor modelo do prato final: a família, o núcleo ou com parentes e amigos, que podiam participar ou não do programa de TV.

Figura 2

Captura de Tela do programa 20 lucas. “PROGRAMA 1 BLOCO 1 parte 1”



Nota. FilmadoraProduction (2008).

Este formato de programa foi muito relevante no Peru e experimentou outras manifestações que, sob a mesma temática, viralizaram no formato digital. No TikTok, pequenos influenciadores como @irchpuchoc criam pratos destacando: “Dia 3/100 cozinhando com 1 sol a mais todos os dias” [sic], “Dia 5/100 cozinhando com 1 sol a mais todos os dias. Hoje, 5 soles” [sic]. Ou seja, quanto mais limitada for a quantidade de dinheiro para preparar o prato, maior é o nível de viralização alcançado. As receitas são listadas nos vídeos curtos do TikTok, como no *post* que acompanha o conteúdo audiovisual. Identificamos algumas dessas pessoas que gravam receitas (consultar Tabela 1):

Tabela 1*Receitas culinárias feitas por pequenos influenciadores no TikTok*

Perfil do pequeno influenciador no TikTok	@richpuchoc	@vicente.visla	@la.sazn.dmora
Verbatim (mensagem linguística no post)	<p>“Dia 7/100 cozinhando com um sol a mais todos os dias Hoje, Chaufa (um prato de arroz frito do Peru) com 7 soles, ingredientes:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Arroz 1/4 (1.00 sol) -Molho de soja pequeno (1.00 sol) -Cebolinha (0.30 sol) -Gengibre (0.30 sol) -Hot dog (1.50 sol) -Frango (2.30 soles) -Ovo (0.60 sol) <p>#chaufa #richpuchoc”</p>	<p>Ep. 2, Macarrão ao molho rosé, uma delícia!!</p> <p>#cocinacon5soles #vegan #pasta #recetafacil (#cozinhandomcom5soles #vegano #macarrao #receitafacil)</p>	<p>Olha o que você consegue preparar com S/10.00 soles, fácil e econômico, se inscreva para mais vídeos</p> <p>#cocina #recetas #fyp #parati #foryoupage #facil #comidaperuana (#cozinha #receitas #fyp #paravoce #foryoupage #facil #comidaperuana)</p>

Nota. Elaboração própria.

O programa *20 lucas* não é apenas sobre a receita de um prato, mas de “um menu fácil e econômico” por exemplo, ou seja, de um almoço ou uma janta. Assim, o objeto de valor cresce em extensão, mesmo que os meios para esse crescimento tenham diminuído. Cada um desses vídeos mostra o “pequeno influenciador” como um herói intercessor que simula um destinatário desfavorecido e assume a posição actancial de um sujeito ajudante que enfrenta e combate um adversário econômico-social que limita sua capacidade econômica. No fim do programa, na solução, o ajudante consegue o que quer e nós vemos o triunfo do herói. Em *20 lucas*, Mauricio é o apresentador do programa narrativo de base, desenvolve as performances que compartilha com os espectadores do vídeo. Nos programas deste gênero, o cozinheiro se esforça para encenar algo que destaque tanto as limitações econômicas quanto a inventividade e a criatividade necessárias para superar esses constrangimentos, primeiro, no mercado e, depois, na cozinha. A simplicidade da receita é alimentada por uma valorização prática, essencial, utilitária e vantajosa que enquadra o discurso do pequeno influenciador em um contrato que adiciona um componente essencial ao eixo de poder que define este discurso: o caráter comunitário do contrato de participação. Assim, são celebradas a autenticidade popular e a reciprocidade do ajudante que, em seu papel claramente definido, revela o segredo por trás do que não parece possível com a quantidade de dinheiro mencionada no começo do vídeo. *20 lucas* se junta aos programas culinários desse tipo.

Nesta família de programas audiovisuais, o contrato cognitivo é determinado pelo contrato pragmático, enquanto na *Sopa ao Pistou* acontece o contrário. Portanto, a receita não é algo *a priori* já feita, colocada à disposição de uma instrução-construção limpa, mas algo que é feito aos poucos, que cai e suja, que pode ser interrompida a qualquer momento durante um processo de obtenção-invenção que só será conhecido *a posteriori*. Quem está fazendo a receita deve obedecer às difíceis circunstâncias, sob o risco de cair na incapacidade. Neste contexto, o objeto monetário, mediador modal, não está na atmosfera narrativa de um sujeito soberano como a que Greimas analisou, mas na de um sujeito sensível submetido a complexas condições de produção.

A modalização do poder e a interação por ajuste determinam a competência pragmática que, finalmente, é acoplada a uma competência cognitiva em um percurso sensível captado na ação e não em uma leitura narrativa enciclopédica distante. Em outras palavras, é porque existe uma textualidade social, uma força produtiva limitada a certas condições econômicas e a certas relações sociais de trabalho pressupostas, que são colocadas em cena interações sociais “emocionantes” que culminam em uma “façanha” cotidiana. Parafraseando: “graças aos meus ajudantes da TV, posso continuar comendo com o pouco dinheiro que ganho”. Nos bastidores, a valorização da força de trabalho, a celebração de um contrato enunciativo e a preparação do prato estão escondidas através de um “ajuste” já programado no roteiro. Justamente em termos de trabalho, Mauricio, o *influenciador*, como apresentador de um tipo de *reality show*, é um *Jano bifrons*. Um dos seus rostos está virado para o interesse concreto de uma população que demanda ideias para cozinhar de forma barata e fácil, e o outro rosto está virado para o interesse dos diretores do canal de televisão que demandam programas com uma boa audiência. É, então, um típico intercessor que atua na lógica do “entre”.

Sua arte consiste em defender a interdependência harmoniosa do canal e seus espectadores. É um radical a favor do ponto de vista dessa relação, os interesses dessa interdependência para ele vêm em primeiro lugar; antes mesmo dos próprios interesses de cada um dos termos (canal e espectador). Assim, com a sua unidade móvel, vai aos mercados para colocar em cena alguns vantajosos contratos de venda que, graças a eles, “diverte” os espectadores colocando-se no lugar de um comprador virtual que insinua não concordar com o preço dos ingredientes, visando negociar e baratear as reivindicações do vendedor. Que, resumindo, pratica esse esporte, tão crioulo, de negociar antes da estipulação e da troca comercial. No antigo conceito de comércio, todos os seres vivos eram atores: o comércio era *comer se* a ocasião se apresentasse.

Então, a análise das receitas gastronômicas modelo e das receitas com um ar familiar revela profundidades e complexidades diferentes. A receita-modelo

é feita como a transmissão tranquila de um dom, isto é, como uma atribuição cognitiva. Enquanto isso, o prato resultante das receitas comandadas pelos “pequenos influenciadores” é mais um em uma família de pratos que se assemelham e que apontam, por exemplo, para o formato de talharim ao pesto. Mas não aparece como um dom tranquilo, e sim como uma prova (ou luta) com as condições sociais reais convertidas em *reality show*, uma prova (ou luta) configurada a partir de uma tensão entre carências (desapropriações) e conquistas (apropriações). É moldado, assim, um objeto de valor modalizado por uma gradação monetária direta: mais dinheiro → mais facilidade; menos dinheiro → menos facilidade. No entanto, estas implicações podem ser rompidas por uma concessão contrária que abriria o campo do que seriam as façanhas do herói: mesmo com menos dinheiro, mais facilidade.

Neste ponto, os sistemas de símbolos da sociedade são interpretados por uma língua que deve omitir a complexidade do social. Além de afirmar que o social é um oposto da língua, destacamos o risco de reduzir sua multidimensionalidade para uma bidimensionalidade plana, quando se trata de “realidades” mais e mais complexas, e muitas vezes intangíveis.

PARA CONCLUIR: DESVIO ANIMISTA EM DIREÇÃO AO SOCIAL-REAL

Vivemos atualmente no meio de uma crise de sensibilidade, uma crise de relações com os vivos, uma “extinção da experiência da natureza” (Morizot, 2023). Por isso, o mito do selvagem que não tem consciência semiótica, imaginação teórica ou competência para a pesquisa é desmascarado “de baixo”. O social-real aparenta ser o pressuposto necessário de algumas realidades sociais e históricas severamente estereotipadas pelos aparelhos de poder. Estas realidades ideológicas, com a sua multiplicidade de práxis enunciativas e efeitos de sentido metralhando por toda parte, escondem o “real”, confinando-o como a causa social oculta dos efeitos de sentido. Nessa cartografia, embora não tenhamos acesso ao social-real, podemos representá-lo e assim abordar, fenomenologicamente, os seus efeitos de sentido, mas não a causa do seu sentido. As representações resultantes aparecem como formação discursiva potencial do social (Althusser, 1974). Entretanto, “o vivo não é descrito nem representado, é coreografado. Exige, tempestuosamente, a sua sintaxe” (Morizot, 2020, p. 336).

Em uma perspectiva metodológica, a práxis enunciativa instala o dito em um discurso e descarta o não dito. Tanto um quanto o outro têm sentido e significado: o dito abre caminho para a atualização e para a realização; o não dito, ainda que permanece na memória, conecta com a potencialização; o não dito, ainda que caia no esquecimento, conecta com a virtualização.

Em *De l'imperfection* (Greimas, 1987), o advento e rejeição da *realität* (em si) são contrastados com a *Wirklichkeit* alemã, entendida como uma realidade para si, ou seja, validada ou interpretada pelo sujeito. Neste sentido, o social não ocorre nas causas, apenas atravessa e é atravessado pelos efeitos de sentido; mas permanece no horizonte, virtual, fora do enquadramento teórico da práxis enunciativa, que afeta como afetaria qualquer construção ou invenção da realidade.

Do social-real, virtual ou anterior a qualquer práxis, especialmente a enunciativa, a vitalidade abunda, brota energia, a gênese de todas as práxis possíveis permanece em ação. A social-realidade, potencializada pelas formações discursivas e regida pelas práxis axiológicas e ideológicas na sua atualização, permanece tensa entre o dito (singular) e o não dito (sem lugar). O não dito sempre excede o dito; o real e o social, referências ilimitadas na sua extensão, *dão origem* à formação discursiva que enuncia (e legisla) a realidade social.

Além de tudo isso, produzir A história é reivindicar interesses particulares como se fossem universais. Desta forma, esses narradores não só garantem o seu domínio social, ou o daqueles que representam, mas também o fazem de forma que este domínio não seja manifestado. O mito é civilizado com a história narrada *na sociedade*, quando a legislação manda registrar, imprimir, divulgar, domina e amplia uma versão *sem versus* (e muitas vezes sem vergonha). Assim, como se vê na Figura 3,

Figura 3

Oposições substanciais

Nuda vida	←→	Forma de vida
Zoé	←→	Bíos
Social-Real	←→	Social-Realidad
<i>Physis, emergencia generativa</i>		<i>Logos, convierte lo social en prácticas</i>

Nota. Elaboração própria.

Morizot (2023) nos convida a ser cautelosos e lembra nossa cosmologia herdada da modernidade naturalista que inventou o conceito de “Natureza” inaugurando as primeiras relações desconsideradas com o mundo¹ pelo lado da vida nua, e com os humanos, pelo lado da forma de vida. A antropogênese, devir humano dos vivos, é o produto da operação ontológica por excelência, a que transforma a metafísica em estratégia para ir além (*meta*) e superar a *physis* (física) animal, identificada com o simples fato de viver (relegado ao *oikos* privado) na direção da história humana, identificada com a vida politicamente

¹“A humanidade, na minha opinião, nunca tinha inventado antes uma ideia tão maluca” (Morizot, 2023, p. 309).

qualificada (tornada pública na *polis*). Mas esse grande gesto ontológico humanizador é, agora, questionado pelas formas de vida animistas das etnias indígenas. “A essência da relação animista – ou seja, não moderna – com outras formas de vida é a consideração. A essência da relação moderna, tal como foi inventada por aqueles que inventaram a ideia tardia de ‘Natureza’ é, pelo contrário, a *inutilidade* das considerações em direção aos vivos e aos não humanos: sua irracionalidade . . . matéria desprovida de sensibilidade e significados próprios, como reserva de recursos a que recorrer, a natureza é aquilo diante do que resulta irracional e infantil ter considerações” (Morizot, 2023, p. 308).

A partir dessa ressalva, não equiparamos *Physis* com essa “natureza” mecanizada, desanimada, desencantada, dominada, organizada e submetida sem considerações, mas com o tecido de interdependências dos vivos, que nos inclui. Além disso, é preciso dar um novo significado ao *Logos* na perspectiva de considerações ajustadas com a revelação do vivo. Desta forma, compreende-se melhor como, através da ideologia, a legislação da social-realidade superestabiliza os seus estatutos jurídicos emanados dos aparelhos de poder e ignora o potencial conflito de pontos de vista latentes no social-real vivo. Posicionar-se é o próprio gesto de passar do social-real, descartado como “externo”, para o tempo histórico, para a realidade social historicamente temporalizada. Esta construção de realidade, desconsiderada com o vivo, é a única coisa “real” das instâncias do poder político. Limite e interface, respectivamente. O afeto semiótico ajustado, captado, cativado pelo real, desde outra posição, percebe e lê outros efeitos de sentido no mundo. Portanto, torna o sentido uma realidade considerada e que respeita o tecido da vida. Se a linguagem é um evento que constitui a vida e não apenas um instrumento contingente, se admitimos que, como vivos, somos *de linguagem*, então como não considerar o real como linguagem? Como não fazer/dizer *alguma coisa* outra vez aos animais, à terra? A semiótica padrão coloca o “real” entre aspas como aquilo que *nos toca* mas que *não se toca*. Zilberberg, por sua vez, entende que em todo valor existe uma interseção “mística” entre uma valência intensiva e uma valência extensiva². Ele volta às aspas para aludir ao contato formidável que ocorre, na própria essência do valor, entre afeto e cognição, entre o eu profundamente escuro e sua fulguração superficial. Fica pendente, para uma reflexão posterior, continuar levantando estas questões, seja para resolvê-las, seja para dissolvê-las. ■

² “A *interseção*, como regra que constitui o objeto [semiótico], proporciona à análise e à definição que o resume uma complexidade que deve ser desvendada. A interseção “mística” da intensidade e da extensão na [S] possibilita que a análise proponha [s1] e [s2] como quem define a [S]” (Zilberberg, 2015, p. 27). Nos termos deste trabalho, o objeto de valor equivale ao objeto [S], que é resolvido em [s1 + s2].

REFERÊNCIAS

- Althusser, L. (1974). *Ideología y aparatos ideológicos del Estado*. Siglo XXI.
Benveniste, E. (1976). *Problèmes de linguistiques générale*. Gallimard.

- Cuevas-Calderón, E. (2016). Marca Perú: ¿una nación en construcción? *Contratexto*, 25(1), 95-120. <https://doi.org/10.26439/contratexto2016.n025.653>
- Cuevas-Calderón, E. (2019). En búsqueda de la peruanidad perdida. In Cánepa Koch, G. & Chávez Lossio, F. (eds.), *La nación celebrada. Marca país y ciudadanías en disputa* (pp. 141-159). Universidad del Pacífico, Pontificia Universidad Católica del Perú y CRIC.
- Cuevas-Calderón, E., & Demuru, P. (2019). Imágenes de la nación y nuevo populismo entre Brasil y Perú: Una mirada sociosemiótica-discursiva. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* 16(1), 169-179. <https://doi.org/10.55738/alaic.v16i30.524>
- Eco, U. (1999). *Kant y el ornitorrinco*. Lumen.
- FilmadoraProduction. (2008, 19 mayo). *20 LUCAS PROGRAMA 1 BLQ 1 parte 1* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=0K3-Z162DHM>
- Greimas, A. J. (1970). *Du sens. Essais sémiotiques*. Éditions du Seuil.
- Greimas, A. J. (1983). *Du sens II. Essais sémiotiques*. Éditions du Seuil.
- Greimas, A. J. (1987). *De l'imperfection*. Pierre Fanlac.
- Greimas, A. J. (2014). *Analyse sémiotique d'un discours juridique. La loi commerciale sur le sociétés et les groupes de sociétés*. Guaraldi.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1979). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Hachette.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1986). *Semiótica. Diccionario razonado de la teoría del lenguaje. Tomo II*. Gredos.
- Greimas, A. J., & Fontanille, J. (1991). *Sémiotiques des passions. Des états de choses aux états d'âme*. Éditions du Seuil.
- Landowski, E. (1989). *La société réfléchie. Essais de socio-sémiotique*. Éditions du Seuil.
- Morizot, B. (2023). *Maneras de ser viviente*. Isla Desierta.
- Zilberberg, C. (2015). *La estructura tensiva*. Universidad de Lima.

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

